

Como entender o que significa direitos humanos, hoje?

Quando acompanhamos a referência histórica do surgimento dos Direitos humanos:

- em 1776, na Declaração da independência dos Estados Unidos da América
- em 1789, na Declaração dos direitos do homem e do cidadão, na França
- em 1948, na Declaração universal dos direitos humanos, na ONU, há sempre um elemento que está presente, e que se repete, em cada um desses 3 momentos. Seu nome: a recusa sistemática desses mesmos direitos.

Em 1776, com a criação dos treze estados unidos da América, no exato momento que em que se firmou esse pacto de aliança, deu-se a invasão das terras e dizimação das tribos indígenas. Em 1789, a negação dos direitos às mulheres, crianças e escravos, aconteceu ao mesmo tempo que Declaração dos direitos do homem e do cidadão foi anunciada. O escravo, por exemplo, existente na época, não era reconhecido como cidadão. Em 1948, quando a Assembléia gral da ONU aprovou, no mês de dezembro, o texto onde se lê, no artigo primeiro: "todos os seres humanos nascem livres em dignidade e direitos", 8 meses antes, no dia 14 de maio o Estado de Israel foi criado. Ao mesmo tempo se deu a expulsão dos palestinos de seu território, recusando a eles direitos e habitações. A aprovação para a criação do Estado de Israel foi dada pela ONU, em 1947. Como essa recusa acontece? Ela é sistemática porque coloca uma relação fechada, sistêmica, onde a significação do vivido é dada de forma unívoca. Por isso mesmo ela não é sinônima de uma defesa para aceitar um acontecimento. Quando se repete, como a recusa que vem junto nas três Declarações, passa a ser responsável por criar uma outra realidade, que corresponde a essa significação fechada, sem crítica, imune a contradição. A recusa age criando uma outra realidade, e não somente uma discordância crítica com a realidade compartilhada com os próximos.

A possibilidade de manifestação da recusa se mostra presente com diferentes incidências em condições particulares, tanto quanto, coletivas.

Vale lembrar que de uma forma extremada, o paciente de Freud, Dr Daniel Paul Schreber, eminente jurista, havia colocado no lugar da realidade que participava, um mundo onde o que contava era ele, e Deus, numa relação de continuidade. O que aprendemos com isso? Que o mundo do sujeito não é mais compartilhável com o Outro, diferente.

Como entender o que significa Direitos humanos quando, hoje, podemos reconhecer um ato de recusa dirigido a eles desde seu início, junto, os acompanhando de dentro.? Contando para esse trabalho de recusa com um grande contingente de pessoas, as mesmas que assinaram as Declarações. Não se trata de afirmar em voz alta que existem laços coletivos mantidos assim? Afinal, não foi por acaso que Elias Canetti, em seu livro, Massa e poder, reconheceu no fascismo de Hitler, e na busca de sua política de raça pura, a realização do delírio de Schreber, no qual, se tratava de engendrar uma nova raça de seres humanos entre ele, Schreber, e Deus. Começamos considerando que esse assujeitamento não é redutível a um sacrifício forçado voluntário e consciente. Mesmo que hajam justificativas dadas pelo sujeito de forma consciente, a existência do assujeitamento visa, também, uma Outra satisfação, aquela que é gerada pelo dispêndio para manter a continuidade, ainda que sacrificante, mas sempre justificada por argumentos que são efeito de crenças. Crença, essa, que é o efeito da recusa da verdade. Sendo recusada, a verdade comparece como crença, a qual, por sua vez, impede que haja diferença sexual com presença do sujeito do inconsciente, do desejo e do gozo. Se faço questão de me estender um pouco mais nas referências da Psicanálise, é porque tenho como objetivo poder incluir uma questão que é tripla:

- 1- Sim ou não, estamos vivendo um tempo hoje, no Brasil, e em várias partes do mundo, de um combate aos direitos humanos que promove espetáculos de invasão e genocídio?
- 2- Sim ou não, podemos encontrar à nossa volta uma degradação dos Direitos humanos através das pessoas que vivem nas ruas?
- 3- Sim ou não, é verdade que vivemos num momento em que o cumprimento das normas sociais, da educação e da ética, foram substituídas por uma política da violência, da força e das armas?

A vivência que cada um de nós tem nas cidades brasileiras em

relação ao medo e a insegurança se repete. Isso significa que se não há vigência da lei e da ética para zelar pelo cidadão, ele vai se valer de seus próprios meios para se defender. Se existe, tal como sabemos que existe, um problema sério em relação a segurança pública, é porque não existe mais direitos humanos. O que passa a vigorar é o crime, o roubo e a corrupção, como forma de se valer dos próprios meios para obter benefícios.

Declaração universal dos direitos humanos

Quando nos voltamos a Declaração universal dos direitos humanos, de 1948, encontramos, em seu texto, a escrita de uma direção: "um ideal comum a ser alcançado por todos os povos e nações" reconhecendo que "todos os homens nascem livres e iguais, devendo agir um para com os outros, num espírito de fraternidade" É sempre possível argumentar que tais princípios devem ser entendidos como ideais, e que a realidade coloca limites para cumpri-los, o que é certo. Passagem que foi afirmada textualmente na Carta Brasil 2006 de Direitos humanos. Ocorre que, ao ficarmos repetindo sempre esses argumentos não nos comprometemos a fazer com que os direitos humanos sejam cumpridos, de fato. E quanto mais esse, de fato, não aparece, mais os direitos humanos vão sendo degradados, desacreditados. Pior do que isso, direitos humanos passa a ser sinonimo de quem defende bandido e minorias, como no Brasil. Passa despercebido nessa morosidade uma ligação com aqueles que não subscreveram a Declaração universal dos direitos humanos. Afinal de contas assinar prá que, se isso não funciona, de fato?

Partindo da Psicanálise, vou privilegiar a existência pouco, ou nada destacada, que abordar a questão dos direitos humanos, impica poder discernir o que se entende como humano, hoje. Lembrando, tal como consta na Carta Brasil 2006 ao evocar a Declaração francesa que "a ignorância, o desprezo ou o esquecimento dos direitos do homem são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção dos governos" Não se trata, a nosso ver, de se valer de apelos, mesmo que verdadeiros, para situar essa falta de funcionamento. Vou partir de três causas que considero responsáveis pelo ambiente de direitos humanos tal como em curso, hoje: 1-o avanço exponencial da economia de mercado neo-liberal.

1-a conjunção da política com a religião, em particular a evangélica, mas não somente.

3-a disseminação do discurso da estupidez.

Cada uma dessas causas é responsável por uma mudança no funcionamento do ser humano, por via do discurso que, cada uma delas, introduz. Isso significa que irei colocar em estado de suspensão, a ser avaliada por cada um, o que consta na Declaração universal: "os seres humanos dotados de razão e consciência deveriam agir uns para com os outros num espírito de fraternidade" Consideremos, a partir da inclusão da primeira causa, como causa de uma satisfação atípica, que não é sinonima de prazer, a posição do sujeito na economia neo- liberal. Ele se encontra cada vez mais destituído de seus direitos através de relações de trabalho que promovem como efeito uma disputa para garantia de empregos. Ou seja, nessa disputa se perde a solidariedade e aquilo a que se visa é a eliminação do concorrente. A nosso ver, não há como sustentar "espírito de fraternidade"

No que tange a conjunção da política com a religião, não somente se evidencia a presença de pautas e propostas que visam barrar os direitos humanos, como sinonimo de respeito a diversidade. Por isso mesmo, são responsáveis por decisões contrárias a democracia e a modernidade. Como se não bastasse, agem à luz do dia e da noite nas redes sociais e nos canais de televisão, como estelionatários da fé. Dizem, vendem e exploram com campanhas para arrecadação de dinheiro, sem nenhum tipo de fiscalização maior . Se isso não bastasse, não apresentam qualquer formação doutrinária e intelectual para se responsabilizarem por suas funções. Como é que alguém que acredita que os feijões ungidos e vendidos pelo pastor para curar da covid, como é que essa pessoa vai zelar pelo seu direito de acesso aos serviços de saúde? Ou seja, o efeito da política com a religião, além de jurídico, é de saúde pública, uma vez que muitos dos seguidores do pastor vão preferir adoecer, ao invés de se tratar com medicações. É uma conjunção que leva a morte , como sinonima de morte da razão. O que nomeei como discurso da estupidez, coloca em exercício a substituição de uma realidade conflituosa, por uma outra que anula as complexidades. Sua visada é retirar de cena a polissemia da língua, introduzindo slogans e palavras vazias. Responsável por uma política baseada no ódio aos argumentos contrários com fundamentação. Seu gozo se localiza nesse ponto em que a crença

estapafúrdia se encontra desprovida de realidade. O que importa é gozar através de uma razão bruta. Aquela que não se vale de argumento e nem de raciocínio para se sustentar. A causa que alimenta esse discurso é o fato de que ele já foi colocado em praça pública, ou seja, pode-se gozar sem pudor e vergonha, com sustentação consentida. E é exatamente porque esse discurso só quer saber de gozar a qualquer custo, sem interdito, que seus representantes se tornaram esses seres, humanos?, que disseminam os valores dos esgotos que sempre estiveram ao nosso redor.

Para muitos daqueles que se formaram intelectualmente com recursos para a crítica do mundo, tem dificuldade de reconhecer as forças desses discursos como sendo responsáveis por mudanças subjetivas, que torna mais complexo o que se entende como ser humano. O que poderia nos levar mais uma vez a um estado de alerta quando encontramos afirmado na Carta Brasil o digno direito a disseminação da paz social, sem mencionar a abordagem necessária das guerras, desde os primeiros anos escolares. Já existe literatura infantil e infanto juvenil da melhor qualidade sobre esse tema. Quando não tratamos de algumas questões que sabemos existir, desde cedo, é certo que o recurso para apelar aos ideais será sempre uma forma de eludir o fracasso através de expressões nobres. Nos encontramos num momento da história onde as degradações que se proliferam de dentro da democracia vem à público para conquistar adeptos que se mostram consentindo com a violência e a estupidez. Ao lado de depreciar quaisquer argumentos que sejam portadores de fundamentações simbólicas empenhadas nas mudanças. Como se não bastasse, recolhe-se da boca dos humanos que se animalizaram o apoio a um tipo de modismo nefasto, qual seja, o da aceitação de influencers que se apresentam como os novos formadores de opinião para milhões de jovens, sempre a serviço de causas que estimulam a ilusão de enriquecimento rápido e ilícito.

O futuro do presente

De forma a nos empenharmos na direção de um futuro diferenciado das limitações existentes, não somente podemos contar com a Psicanálise e seu esclarecimento sobre a significação do humano,

uma vez que nela se reconhece a vigência de discursos que estruturam posições subjetivas que transformam os ideais baseados na consciência e na razão universal. Por isso mesmo, é preciso que um trabalho compartilhado com diferentes pesquisadores seja criado e se mantenha atuante visando a geração de abordagens e tratamentos da degradação dos direitos humanos. Não é estranho a cidade em que nos encontramos iniciativas tais como a que indiquei. Já que foi aqui em Curitiba que fundamos, na companhia de outros colegas, o Núcleo de Direito e Psicanálise, o qual funcionou por mais de uma década na Pós graduação da Faculdade de Direito, sob a coordenação do Prof Dr Jacinto Nelson de Miranda Coutinho, durante todo o seu tempo de atuação na Universidade federal do Paraná.. Para finalizar, vou insistir que não se trata de cultivar otimismo, como se os diagnósticos rigorosos fossem sinônimos de pessimismo.. Como afirmou Terry Eagleton, no livro "Esperança sem otimismo"(pag 57, Ed Unesp): -"Para que haja uma esperança genuína, o futuro tem de estar ancorado no presente. Ele não pode simplesmente irromper nele vindo de um espaço sideral, metafísico. Ao mesmo tempo, as forças que, à semelhança do fermento, agem no presente o fazem de uma forma que , finalmente, ultrapassa seus limites e aponta para uma condição que está além do que podemos imaginar agora. Um futuro que pudesse ser apreendido pela linguagem do presente teria cumplicidade demais com o status quo e, portanto, dificilmente seria genuíno"

No ano de 2021, logo depois de ter lançado o livro, "O discurso da estupidez", escrevi um outro, sob a forma de ensaio, cujo título é, "Entre baratas e rinocerontes". Procurei mostrar nesse ultimo a animalização do humano por via da encarnação dos personagens da peça de Ionesco, O rinoceronte, o clássico de Kafka, A metamorfose, junto com o de Ian Mc Ewan, A barata, a existência de uma nova subjetividade, acompanhada por milhões de adeptos . Há quatro meses atrás tomei conhecimento do partido político indiano que tem como nome A barata, seu líder trajando vestimentas que as imitam.

A invenção de um Outro futuro se encontra diretamente ligado a novos tratamentos que podem ser descobertos pela retomada das frestas ainda não reconhecidas no presente.

Texto apresentado no dia 31 de julho de 2026, em Curitiba, no encontro promovido pela OAB , com o objetivo de avaliar os 20 anos da Carta Brasil de Direitos humanos, a qual, baseada na Constituição de 1988, orienta a política de Direitos humanos no país.